

Articles linked to

MOZAMBIQUE 133

LOCAL ELECTIONS

News reports & clippings no. 133 from Joseph Hanlon
29 August 2008 (j.hanlon@open.ac.uk)

=====

Savana articles on the defeat of Eneas Comiche

=====

Savana 29 de Agosto de 2008

PAG 6 a 9 OPINIAO

EDITORIAL

Verticalidade de Comiche torna-o matéria para a frigideira

Algumas das virtudes que qualquer partido no poder deve ter são a sua capacidade de ser previsível, de medir aquilo que é o pensamento generalizado dos eleitores e, não tão menos importante, projectar ao público uma imagem de seriedade e fiabilidade.

São atributos que o partido Frelimo não pode reivindicar possuir, se as últimas eleições internas para o município de Maputo são elementos suficientes que nos permitem fazer qualquer juízo.

É extremamente difícil (se não mesmo impossível) a qualquer ser humano racional imaginar que um partido que concorre a eleições que pretende ganhar pode-se sujeitar ao risco de ter que dispensar como seu candidato uma pessoa que já deu provas de competência, seriedade, respeitabilidade e incorruptibilidade para o substituir por alguém que é, na essência, uma quantidade desconhecida.

Que a Frelimo o tenha feito, ao substituir como candidato à presidência do município de Maputo Eneas Comiche por David Simango, mostra com toda a clareza o seu sentido de arrogância extrema e de total desprezo pelos desejos dos habitantes desta cidade. A Frelimo nem sequer se deu ao trabalho de fazer uma breve sondagem para saber como reagiriam os residentes da cidade perante esta inexplicável mudança, o que lhe permitiria medir as suas potencialidades nas urnas. A Frelimo poderá argumentar que não havia necessidade de medir a tendência do eleitorado municipal, tratando-se de uma eleição interna, dentro do partido. Mas esse argumento descarta o facto de que quem elege o presidente dos municípios não são as oito dezenas de militantes da Frelimo intoxicados pelo seu ódio em relação ao actual presidente. Quem elege o presidente do município é a grande massa de residentes desta cidade, alguns dos quais nem sequer são membros da Frelimo, mas que reconhecem e respeitam o trabalho realizado na capital nacional durante os últimos cinco anos.

Sem opções, e profundamente desiludidos com o cinismo dos políticos, a grande maioria destes eleitores terá melhores coisas para fazer no dia do voto do que ir legitimar aquilo que será, de facto, uma autêntica palhaçada a passar por eleições.

Nenhum ser humano é perfeito. E certamente que Comiche deve ter os seus próprios defeitos. Um desses defeitos pode ser a sua seriedade e apurado sentido de serviço público que não lhe permitem distribuir sorrisos cínicos quando as coisas não estão a correr bem. Ciente das suas responsabilidades ao serviço do povo, Comiche soube separar os recursos públicos do partido ao qual ele pertence. Não permitiu que dinheiro resultante das contribuições dos munícipes, parte do qual através da Taxa de Lixo, fosse utilizado de forma profligática para sustentar a imensa bateria de primeiros secretários do seu próprio partido.

A cínica referência às “bases”, como tendo sido elas quem decidiu pelo afastamento de Comiche devido à sua má articulação com elas é, na verdade, uma espécie de eufemismo para ocultar os poderosos interesses financeiros para quem Comiche era um empecilho para o prosseguimento dos seus projectos na cidade.

As chamadas “bases” na verdade não existem, dentro do contexto em que elas nos são apresentadas e as suas “ideias” articuladas. As “bases” existem apenas no seu formato como um voto comprado e manipulado para se atingir outros objectivos longe do alcance dessas mesmas “bases”. Estamos a assistir, de facto, a um fenómeno em que os criminosos começam a ganhar apetência em se apoderarem do edifício político, antes de se consumir a captura do Estado.

Se este não é o caso, que “bases” são essas que representam uma candidata cujo único voto que consegue nas urnas é o seu próprio voto?

Se outro nome não existe para melhor caracterizar o que aconteceu no município de Maputo nas eleições internas da Frelimo na Sexta-Feira passada, para nós (e acreditamos que estamos a representar o sentimento da vasta maioria dos residentes da cidade) foi simplesmente um escândalo com cujas consequências teremos que co-habitar durante os próximos cinco anos. Acaba de se provar que em Moçambique se alguém não é politicamente promíscuo, populista e corrupto acaba sendo matéria para a frigideira.

Mas a maior lição que se deve tirar de toda esta aventura é a importância, agora mais comprovada do que nunca, de uma oposição forte e credível, em quem o eleitorado pode optar como alternativa.

A talhe de foice

Por Machado da Graça

Basta!

O inacreditável acabou mesmo por acontecer. Contra tudo e contra quase todos Eneas Comiche foi afastado da recandidatura ao Município de Maputo pelo partido Frelimo. Da primeira vez que aquele partido teve um dirigente honesto e competente, aceite e aplaudido mesmo por aqueles que não são membros nem simpatizantes da Frelimo, na primeira oportunidade deram-lhe o pontapé no

rabo. Desculpem a expressão mas foi exactamente isso que lhe fizeram, seja qual for a forma como queiram agora apresentar o que aconteceu.

Não há ninguém que olhe para a obra feita por Comiche que não tenha palavras de estima e admiração. Não há ninguém que o queira diminuir que não venha com argumentos falsos e falaciosos, do género de que ele só favoreceu o cimento e não os subúrbios. Qualquer consulta ao trabalho feito pelo município demonstra, com clareza, que os subúrbios beneficiaram mais com o mandato de Comiche do que em qualquer outro mandato anterior. Perante isto, a única conclusão possível é que os membros do partido Frelimo não querem gente honesta e capaz nos lugares do poder efectivo. O partido Frelimo apoia-se, cada vez mais, numa rede de corrupção alargada e quem não obedece às regras desse jogo é atirado para fora da carroça.

E, para azar dele e sorte nossa, Comiche não jogou por essas regras. E está agora a pagar o amargo preço. Em seu lugar a Frelimo vai candidatar o actual Ministro da Juventude e Desportos. Provavelmente convencida de que, para governar Maputo, basta acertar no meio da bola com força e pontaria. O que, obviamente, não é verdade. Pessoas que conhecem David Simango dizem-me que é pessoa honesta e trabalhadora. Eu, que não o conheço, não digo o contrário. Fica-me, no entanto, a dúvida sobre a razão porque ele aceitou participar nesta jogada escabrosa. Foi iniciativa dele ou foi mandado por alguém, com agenda oculta?

De qualquer forma, caso seja eleito, prepare-se o novo Presidente municipal que não vão demorar a bater-lhe à porta os que agora o elegeram, a apresentar a factura dos seus serviços e exigindo rápido pagamento. Disso não tenha ele a menor dúvida.

Mas eu disse “se for eleito”. Quais serão as possíveis alternativas?

Uma delas é o grupo Juntos Pela Cidade, que não tem candidato ao cargo de Presidente do município, convidar Eneas Comiche para ser o seu candidato.

Outra é Comiche conseguir agregar, à sua volta, um movimento cívico que imponha a sua candidatura independente.

Os prazos já são curtos mas qualquer destas hipóteses é ainda possível.

E seria uma possibilidade de todos dizermos ao bando dos corruptos que não aceitamos o seu domínio. Que não achamos que temos que nos vergar ao seu poder podre. Não sei se uma tal candidatura teria possibilidade de vitória perante a máquina eleitoral da Frelimo, mas creio que valeria a pena fazer a experiência e medir até que ponto a nossa sociedade está farta desta quadrilha de gangsters.

Os leitores mais ingénuos vão-me dizer que tudo funcionou de forma democrática nas eleições internas da Frelimo. Eu responderei que eleições democráticas dentro de um partido corrupto só podem dar este tipo de resultado. Não é a democracia que está em causa, são as características internas da actual Frelimo.

O que afastou Comiche não foram as coisas positivas. Aí ele era imbatível. Foram as coisas negativas: Foi ele não aceitar as negociatas de terrenos; foi ele ter corrido com os corruptos do seu Conselho Municipal (mas,

infelizmente, não ter tido força para os correr dos cargos partidários ao nível da cidade); foi ele não ter aceite a palhaçada de uma governadora nomeada pelo Governo na mesma área em que ele mandava, eleito pelo povo.

Tudo isto lhe tirou tapete político debaixo dos pés. Tudo isto fez com que um principiante, por muito boa vontade que possa ter (e não sei se tem...) vá substituir um homem com sólida obra feita em Maputo como candidato da Frelimo nas próximas eleições.

Com o meu voto, pode estar certo, não conta. E espero que não conte com o de muitos mais, como eu, enojados com toda esta porcaria.

Se não há alternativas, criemos as alternativas, em vez de ficarmos reféns de situações deste tipo.

É cada vez mais urgente o surgimento de uma terceira força.

Principalmente para deixarmos de estar sujeitos a este tipo de chantagem.

=====

PAG 2 a 5 TEMA

Comiche derrotado nas “primárias” da Frelimo

O triunfo dos porcos*

Por E. Beúla e R. Senda

Foi pela voz de Pedro Taimo, presidente da comissão de eleições internas, que David

Simango, actual ministro da Juventude e Desportos, foi declarado, às 21 horas da última

sexta-feira, candidato da Frelimo à presidência do

Concelho Municipal da Cidade de Maputo (CMCM) nas terceiras eleições autárquicas que terão

lugar a 19 de Novembro. Fora a sua formalidade, o anúncio de Taimo não passava de um

lugar comum, posto que a informação sobre a derrota de Eneas Comiche, actual presidente

do CMCM, já havia transpirado das paredes da sala de conferências das

Telecomunicações de Moçambique onde decorria, à porta fechada, o comité da cidade do partido dos

camaradas.

Durante aproximadamente 12 horas que a sessão durou, 53 membros (67%) do Comité da Cidade do partido no poder votaram a favor de Simango, 25 (32%) a favor de Comiche. Generosa Cossa averbou apenas o seu próprio voto.

Sob a cobertura de uma suposta “vontade das bases”, argumento sempre recorrente em política, a cidade de Maputo viu “derrubado” o homem que, num único mandato, lhe emprestou transformações de vulto jamais vistas desde a proclamação da Independência de Moçambique.

A avaliar pelos elogios de que é alvo a gestão municipal liderada por Comiche, a derrota deste à corrida eleitoral de 19 de Novembro terá criado alguma frustração no seio dos cidadãos da capital do país, incluindo militantes do partido Frelimo.

Em termos práticos, 53 “camaradas” anteciparam-se aos desejos dos 661 mil eleitores registados em

Maputo e as quase dois milhões de cidadãos. Nunca tão poucos decidiram por tantos, disse-nos um munícipe zangado que acabou por parafrasear a célebre obra de George Orwell cristalizando o autoritarismo e o culto do chefe: foi o triunfo dos porcos.

Da racionalidade do voto contra

Ao assumir a liderança do município de Maputo, Comiche terá seguido à risca uma das grandes lições de Maquiavel, o filósofo político do renascimento italiano, na qual adverte o Príncipe (governante) para os riscos de ceder à tentação de cultivar a adulação em torno de sua pessoa. Ao cabo do mandato, a lição de

Maquiavel produziu um efeito perverso, ou seja, Comiche pagou uma factura cara por se ter precavido da “peste de aduladores que tanto abundam nas cortes, porque compraz aos homens serem elogiados...”

Uma fonte, que não quis ser identificada, disse não entender a derrota de Comiche, um político que “na história da municipalização em Moçambique, inaugurou aquilo que os manuais de gestão do espaço urbano recomendam”.

Para ele, o tecnicamente correcto foi sacrificado no altar do politicamente correcto. A fonte chama a seu favor o indeferimento do pedido de terrenos dos membros da Assembleia Municipal e o embargo de obras como decisões acertadas, mas que desafiavam a “visão patrimonialista da coisa pública em curso no partido”.

“Comiche foi vítima do seu próprio desempenho”, concluiu. Um membro do partido, mas sem direito a voto, disse que não via motivos para a “exclusão” do actual edil pelo facto de “ter seguido com aquilo que são as normas de gestão de bens públicos além de ter mostrado sinais de mudança da face de Maputo”.

Aliás, alguns munícipes ouvidos pelo SAVANA foram unânimes em afirmar que Comiche pagou por se ter apegado ao projecto que desenhou para desenvolver Maputo, o PROMAPUTO, e conseqüentemente ter ignorado um grupo de “frelimistas” que vê o município como uma fonte para a satisfação dos seus interesses. Contam ainda que a visibilidade do presidente do CMCM como “bom gestor”, terá tirado “sono” a altas figuras do partido no poder.

“A frontalidade e a coragem de Comiche também não agradou alguns membros habituados a bajulações e a pessoas que nunca expõem abertamente as suas ideias, dependendo do que o chefe quer e manda”, disse uma fonte. De recordar que na última presidência aberta de Guebuza na cidade de Maputo, Eneas Comiche disse ao Presidente da República (PR) que a dupla administração estava a perturbar o desenvolvimento de actividades por parte da sua edilidade. Comiche referia-se a Rosa da Silva, governadora da cidade de Maputo.

Comiche, mesmo antes de se candidatar à edilidade, procurou garantir que teria acesso a fundos externos para fazer obras de grande vulto na urbe e que incidiram sobre a chamada “cidade de cimento” e o emblemático bairro da Mafalala.

Entre outras acções muito mediatizadas, Comiche, logo no início do seu mandato, embargou as obras de um templo da IURD (Igreja Universal do reino de Deus) na Av. Julius Nyerere, uma seita religiosa com grande

popularidade entre a classe média da capital e com instalações alugadas na sede do Comité Central da Frelimo e depois, embargou e mandou destruir uma das fachadas do Centro Comercial MBS, na baixa cidadina.

Argumenta-se também que os secretários dos bairros, habitualmente ligados ao partido Frelimo, foram de algum modo marginalizados pelo edil. O comentador Venâncio Mondlane considera, contudo, que o presidente do município, ao ser eleito pela maioria, governa para os seus munícipes e não para os militantes do partido Frelimo.

Aposta certa

Não obstante os predicados que apontam a Comiche, há outros sectores que vêem Simango uma aposta certa, porque ele “é um líder virado para as massas, enquanto que a liderança de Comiche limitava-se às elites urbanas”.

Estes indicam como pontos negativos da liderança do presidente do CMCM, a expulsão dos vendedores informais em locais impróprios, que inclui a confiscação da sua mercadoria, e queixas de corrupção na Polícia Municipal.

Comiche implementou o slogan do seu partido

Para o académico João Pereira, Eneas Comiche terá sido “sacrificado” por ter implementado o slogan da Frelimo que é a Força da Mudança.

“Ele tentou implementar mudanças na cidade de Maputo, mas para o seu azar não foi percebido pelos seus colegas do partido”, indicou.

Segundo Pereira, em vários países do mundo, os partidos políticos reajustam os seus programas de acordo com aquilo que são os anseios da opinião pública. Muitas vezes os partidos fazem inquéritos para saber o tipo de pessoas e políticas que os eleitores querem e, a partir daí, desenham as suas estratégias.

É que nesses países as pessoas têm cultura política e manifestam publicamente as suas convicções.

Mas para o caso de Moçambique, continua a fonte, esta teoria é complicada, justamente porque as coisas não são tratadas de forma aberta. “Tudo se limita ao nível familiar, circuitos restritos e ao nível dos *media*. Não há capacidade de mobilização e essa é a vantagem da Frelimo”.

Pereira entende ainda que a outra tranquilidade da Frelimo deriva do facto de, até ao momento, não ter aparecido um movimento credível capaz de constituir alternativa.

Conta Pereira que para as elites urbanas que tinham fé no Comiche, se até à data das eleições não aparecer uma alternativa credível, vão simplesmente ficar nas suas casas.

Embora duvide que isso aconteça, o académico arrisca a dizer que a Renamo tem uma palavra a dizer nos próximos dias, porque se apresentar um candidato forte e capaz de mobilizar o grupo que está descontente com a saída de Comiche e dos eleitores da periferia outro galo pode cantar.

Aquele académico afirmou que um estudo é que podia definir o nível de popularidade do actual edil de

Maputo, “porque na verdade não se sabe quem são os potenciais eleitores de Comiche, se são as elites urbanas ou os eleitores da periferia urbana, sexo e idade”. Diz-se que é a opinião pública que quer este ou aquele candidato, mas “não nos podemos esquecer que a opinião pública é a reflexão das clivagens sociais que resultam de um conjunto de interesses”. Nessas disputas, prossegue, os mais fortes, ou os que têm acesso aos meios de comunicação das massas, têm mais espaço de manipulação.

Pereira reconhece que o plano que Comiche assumiu poderá não ter agradado a alguns grupos no seio do seu partido.

“O que Comiche fez foi um exercício de cidadania e conseguiu distinguir o bem público e partidário. Demonstrou que ainda há pessoas capazes de gerir de forma transparente os bens públicos”, disse.

Comiche superou

Para Eleutério Fenita, jornalista da BBC, no seio dos municípios não há dúvidas que Comiche deu mostras de que estava empenhado na realização de trabalhos que se comprometeu a levar a cabo.

“Embora tenha levado algum tempo, Comiche conseguiu superar aquilo que era o grosso dos problemas da cidade”, disse, Fenita.

De acordo com a mesma fonte, o actual edil de Maputo, tal como o presidente do município da Beira, Daviz Simango, foram o exemplo duma governação transparente e empenhada, sobretudo, por terem conseguido colocar o interesse público acima dos interesses políticos partidários.

Fenita classifica a “exclusão” de Comiche como “uma decisão estranha”, indicando que, até ao momento, a Frelimo ainda não apareceu com uma argumentação plausível e consistente sobre esse facto.

“Ao excluir Comiche da renovação do seu mandato, os membros do comité da cidade deram a entender que as experiências do passado, de governos inoperantes e que deixaram poucas saudades para os municípios devido a gestão danosa do bem público, é que lhes interessam”, frisou.

Para o correspondente da BBC em Maputo, o que se verificou na passada sexta-feira foi mais um voto contra Comiche do que necessariamente a favor de Simango.

“A Frelimo tem Maputo como um município garantido e é por isso que se dá-se ao luxo de fazer este tipo de mudanças”, indicou, acusando a oposição de “não estar a trabalhar no sentido de convencer o eleitorado a tê-la como alternativa”.

Derrota a nível político

Para Jaime Macuane, cientista político e docente da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), a derrota de Comiche não surpreendeu tanto, pois o cenário em que se inscreveram as eleições internas na Frelimo já espelhava este resultado. Segundo a fonte, a derrota do actual edil de Maputo é um indicativo da avaliação política que o partido fez do seu mandato. É que para Macuane, se a nível técnico a avaliação do desempenho de Comiche como presidente do município de Maputo é quase acessível a todos, a nível político

a avaliação é de âmbito mais restrito. Em outras palavras, o trabalho do presidente do CMCM pode ter agradado a alguns municípios, mas no contexto político só as bases do partido têm legitimidade para avaliar o desempenho político do seu candidato.

Quando lhe questionámos se a escolha de Simango não poderia alterar a tendência de voto a 19 de Novembro, Macuane indicou que o nível de participação dos eleitores será decisivo na distribuição dos votos.

Aos seus olhos, se se registarem altos índices de abstenção, a opção dos membros do Comité da Cidade do partido Frelimo poderá ser sancionada, pois a confrontação será mais ao nível dos militantes dos partidos concorrentes. Isso se se assumir hipoteticamente que a escolha de Simango reflecte a vontade das bases.

Mas a fonte observa que uma participação massiva do eleitorado da cidade de Maputo pode desvirtuar a opção dos “camaradas” e trazer à superfície as implicações da derrota de Comiche.

Comiche não dominou o jogo político

No seu estilo problematizador, Elísio Macamo, sociólogo, escreve que o grande problema neste assunto é a procura da racionalidade em algo que provavelmente não tem nenhuma. _Analisando alguns comentários a propósito, este sociólogo indica que pecam por dar por adquirido um dado que lhe parece pouco claro. “Falamos da Frelimo e sugerem com isso que a Frelimo são as pessoas que votaram contra Comiche. Por que não partem do princípio de que houve uma maioria no interior da Frelimo que se manifestou de uma determinada maneira?”, questiona. Adiante, indica que o que incomoda nessa generalização é a ideia de que a “Frelimo” faz a vontade do chefe. “Não tenho a certeza se esse tipo de abordagem é útil, sobretudo quando dão a entender que se trava uma luta entre Guebuzistas e Chissanistas”, indicou, acrescentando que “a minha leitura do discurso inicial de Guebuza é de que ele queria mesmo incutir um outro ritmo às coisas, mas que não estava necessariamente a criticar Chissano”. No seu entender, algumas pessoas que preferem uma política de “preto e branco” no país é que devem ser responsáveis por essa personalização do discurso de eficiência de Guebuza. Mas alerta que isso não quer dizer que não haja animosidade entre os dois, mas acha bastante arrojado partir do princípio de que quem é presidente da Frelimo manda em toda a Frelimo. “Há em qualquer grupo alianças estratégicas que podem equilibrar as coisas. A sugestão de que Comiche seja vítima de uma purificação de fileiras contra “os chissanos” encalha nas recentes nomeações ministeriais”, precisou. Falando precisamente da derrota de Comiche, Macamo admite que é verdade que a Cidade de Maputo registou melhorias significativas nos últimos tempos, sublinhando, porém, que a avaliação do desempenho de um político não se faz apenas ao nível do que ele fez de bom para o povo. “O povo é que avalia dessa maneira, o político é político e age dentro desse contexto”, afirma o sociólogo, para quem Comiche pode ser bom técnico, mas esta derrota revela que não é bom político. “Se quer agir na política tem que dominar o jogo político e em todo o lado é

assim”, aconselha. _Mas para ele, a correlação de forças no interior da Frelimo é menos interessante do que a questão de saber se o sistema político moçambicano dá ao eleitorado meios de sancionar decisões políticas. “Se em Novembro David Simango for eleito, a decisão de tirar Comiche terá sido boa, se não for eleito, terá sido má. Se for eleito e fizer mau trabalho, haverá outras eleições, e até mesmo Comiche pode voltar a tentar...”, concluiu.

A Frelimo ainda não está preparada para conviver com pessoas honestas

Salomão Moyana, director do semanário MAGAZINE INDEPENDENTE (MI), vê a Frelimo como um partido com muita “sorte”, derivada do facto de Eneas Comiche ser “uma pessoa culta e disciplinada. “Isso implica que apesar de ter sido injustiçado pelos seus camaradas, ele não irá desobedecer a disciplina partidária e não vai concorrer como independente, contudo se avançasse ganharia com uma maioria absoluta”, precisou Moyana.

A outra “sorte” da Frelimo que o jornalista destacou provém da fragilidade da oposição. Aos seus olhos, se no sistema político moçambicano houvesse partidos de oposição fortes, seria aposta para o eleitorado frustrado com a opção dos membros do comité da cidade. “A Frelimo faz todos estes ensaios, porque sabe que ninguém lhe vai fazer sombra. Veja que até hoje ainda não conhecemos os candidatos de outros partidos, aliás, a própria máquina da oposição é muito fraca e duvido que será capaz de convencer o eleitorado de Comiche a apostar nela”.

Além de classificar a decisão dos militantes da Frelimo como irracional, Moyana disse que foi um indicativo claro de que o partido ainda não está preparado para conviver com pessoas honestas que garantam uma governação transparente.

Sublinhou que a exclusão de Comiche da corrida eleitoral veio mostrar a opinião pública de que a Frelimo também não está preparada para materializar os princípios que advoga publicamente.

“Este partido aparece sempre a dizer que age de acordo com os anseios do povo, enquanto que na realidade isso não passa de propaganda política. Na realidade o povo queria a continuação de Comiche, mas um punhado de membros da Frelimo recusou esse desejo”. O director do MI disse que o trabalho que o actual edil está a fazer com vista a remodelar a imagem da cidade de Maputo deixa muitos membros da Frelimo preocupados, incluindo o próprio presidente do partido, visto que Comiche é uma das poucas pessoas limpas no partido e que tentava mostrar a todos como é que se faz a gestão dum bem público.

Como que a racionalizar o sucedido, Moyana apontou que a “queda” do actual edil foi orquestrada por “gente preocupada em usar bens públicos para satisfazer os seus umbigos, de familiares, amigos e camaradas do partido”.

Para Moyana, a candidatura de David Simango não foi decidida por aquele grupo de militantes que simulou votação no passado dia 22 de Agosto, mas veio do mais alto nível.

“São os chefes de Simango no Conselho de Ministros que estão habituados a gerir o país numa forma selvagem e danosa que não ficavam confortados com maneira como Comiche estava a dirigir a cidade de Maputo. A popularidade que Comiche começava a ter, deixou-os com receio de que um dia podia atingir o topo da governação deste país e por isso era preciso lhe “cortar pernas”, disse acrescentando que a frontalidade e a honestidade de Comiche é que lhe custou o cargo.

**Título que SAVANA tomou de empréstimo a George Orwell. Orwell publicou em 1945, o Triunfo dos Porcos, que rapidamente transformou-se numa clássica fábula política. O autor acrescentou-lhe a sua marca pessoal de mordacidade e perspicácia. George Orwell relata a história de uma revolução entre os animais de uma quinta e o modo como o idealismo foi traído pelo poder, pela corrupção e pela mentira.*

Savana 22 de Agosto de 2008

Espinhos da Micaia

Por Fernando Lima

Um descontentamento chamado Comiche

Nas democracias evoluídas fala-se habitualmente em alternância democrática ao movimento saudável e salutar de mudanças partidárias na gestão do poder político. As mudanças de cor políticas, desejáveis e desejadas, são complementadas por mudanças de candidatos, por mudanças de geração, por mudanças de estilos e até mudanças

ideológicas no seio da mesma força política.

O que teve que penar o velho “Labour” britânico para afastar o carisma da “Dama de Ferro” conservadora que varreu dogmas e sindicatos do mapa político do seu país. Harold Wilson, se voltasse ao reino dos vivos, teria imensa dificuldade em perceber a “terceira via” blairista como o ideário pós-moderno do novo “Labour”.

Aqui também temos as nossas *nuances*. Muito do discurso político da campanha que colocou Guebuza no poder era muito mais virado para o reformular de políticas no interior do seu próprio partido do que virado para a oposição.

A referência ao “deixa andar” ainda hoje deixa um sector magoado e a lamber as feridas.

Comiche em Maputo parecia não pertencer ao partido do seu antecessor Canana. O seu discurso e o desmontar de situações assemelhavam-se mais aos informais do “Juntos pela Cidade”. E por isso mesmo esvaziou politicamente este movimento de cidadãos que resolveu dar um murro na apatia e no clientelismo que gere grande parte da máquina burocrática da Frelimo.

Comiche tem agora cinco anos de gestão autárquica em cima mas o seu partido parece atacado de uma estranha esquizofrenia. Não se trata de oxigenação da democracia ou da tal alternância e renovação que se fala em ciência política.

Os ressabiados da balalaica e do caciquismo partidário, os que construíram os seus pequenos nichos de poder na especulação de terrenos, na distribuição de favores, na concessão de licenças e alvarás por baixo da mesa, estão descontentes com Comiche.

O “mayor” da capital até de racista é chamado porque o seu elenco, na opinião dos críticos, é demasiado policromático, demasiado apelativo a fantasmas samorianos. Comiche detesta os pobres e o subúrbio por contrapartida ao amor pelo conforto, pelos ricos e pelo cimento.

Há provavelmente outras individualidades, quadros políticos ou competências técnicas capazes de fazer melhor que Comiche. Não duvido e o próprio Comiche será o primeiro a concordar, apesar da sua proverbial e conhecida casmurrice.

Só que 30 anos depois, a capital de Moçambique, dada às mais fantasiosas experiências de comissários políticos, pouco destros em matérias urbanas e afins, tem um edil que é um filho da cidade, preocupa-se verdadeiramente com as suas dores e maleitas e conseguiu os ingredientes para fazer as omeletes que os seus antecessores não conseguiram fazer.

Será que as suas realizações são inimigas da sua sucessão. Ou serão políticas de estratosfera, politiquice barata, a roçar o mesquinho e a mais trivial inveja que atiram Comiche para a viela da intriga e do boato conspirativo no seio do seu próprio partido.

O desiderato é tanto mais caricato quando o “mayor” da cidade se senta na mesma comissão política que é suposta de tratar as grandes questões da nação. Será que essa comissão avalizou provocações anteriores criando cargos para a cidade que aumentaram o erário das mordomias, a confusão das competências e o desconforto de alguém que, possivelmente, bem poderia ser mais útil que providenciar o triste espectáculo de barata tonta à procura do seu próprio espaço no balcão de atendimento único da capital.

Felizmente para Comiche, a taquicardia e a ansiedade, se não recorreu ao “prozac”, já acabam por volta do fimde-semana. Quer fique, quer saia da dança das cadeiras pela maçaroca plantada junto à Praça da Independência.

Os munícipes, os que devem ser os alicerces principais nos anseios da autarquia, para já ficam de fora na contenda. Nem sequer compraram bilhete para ir ver o circo.

A maioria, faça sol ou faça chuva, não vota. Nem no pleito da semana, nem no outro, o de Novembro. Porque ainda não perceberam bem do porquê de votar.

Pelo contrário, os que votam esta semana, esses, sabem claramente porque votam.